

6 - F. ALVES DE ANDRADE

CADEIRA Nº 6
PATRONO: ANTÔNIO POMPEU

F. ALVES DE ANDRADE

Francisco ALVES DE ANDRADE e Castro, filho de José Alves de Castro e de Raimunda Paes de Castro, nasceu em Mombaça, no dia 21 de novembro de 1913. Fez o curso primário nas Escolas Reunidas de Mombaça, e o secundário, no Seminário Diocesano de Fortaleza. Diplomou-se em Agronomia em 1938, na Escola de Agronomia do Ceará, e como lembra Raimundo Girão sua turma teve como lema "Estudaremos o Nordeste". Fiel a esta divisa, lembra o historiador, "realmente se dedicou ao estudo dos problemas nordestinos, dos quais, depois de Th. Pompeu Sobrinho e José Guimarães Duque, se tornaria a grande autoridade". Foi Diretor da Produção Animal da Secretaria de Viação e Obras Públicas do Ceará; Secretário da Agricultura do Ceará, em 1946; Foi ainda Delegado Federal do Ministro da Agricultura na década de 60, bem como Chefe do Departamento de Zootecnia da UFC. Foi representante do Governo do Ceará no CODENO e, depois, na SUDENE. Cientista e Humanista, é também Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará. Foi ainda Chefe da Zona do Departamento de Terras e Colonização, da Secretaria de Agricultura do Ceará, além de Professor Catedrático de Zootecnia Especializada da Escola de Agronomia do Ceará. Recebeu os títulos de Professor Emérito, da UFC, e de Professor ***Honoris Causa,*** *da Escola Superior de Agricultura de Moçoró, RN. É portador da Medalha do Mérito Agronômico do Brasil, outorgada pela Federação das Associações de Engenheiros Agrônomos do Brasil; da Medalha Justiniano de Serpa, do Estado do Ceará; é membro do Instituto do Ceará, da Sociedade Brasileira de Zootecnia e de várias outras entidades culturais do Ceará e do Brasil, tendo participado de inúmeros congressos e simpósios. Obras publicadas:* ***As Possibilidades de Desenvolvimento e Melhoria dos Recursos de Gado Bovino no Ceará*** *(1942),* ***A Escola Rural e a Pecuária*** *(1946),* ***O Pioneiro do Folclore no***

***Nordeste do Brasil** (1949), estudo sobre Juvenal Galeno; **Estudos de Zootecnia Regional** (1949), **Tomás Pompeu e seu Tempo** (1954), **A Pecuária e o Crédito no Polígono das Secas** (1955), **A Reforma Agrária no Polígono das Secas** (1959), **Cerâmica Utilitária de Cascavel** (1959), **Agronomia e Desenvolvimento do Nordeste** (1960), **Agronomia e Humanismo** (1967), **O Presbítero e os Sertões** (1976), **Ildefonso Albano e outros Temas** (1985) e **mensagens em minúsculas** e **Saga dos Sertões de Mombaça** (1987), além de inúmeros opúsculos. Seu livro **Agronomia e Humanismo,** uma de suas obras principais no campo da ciência, conquistou o Prêmio Clóvis Beviláqua, da UFC. São muitos os estudos que fez estampar em periódicos, mas podemos destacar "Como nasceu a indústria da oiticica no Ceará", na revista **Nordeste Econômico e Financeiro** de 1948; a "Saudação a Guimarães Duque", na **Revista do Instituto do Ceará** de 1953, bem como o prefácio que escreveu para a edição de 1965 das **Lendas e Canções Populares** de Juvenal Galeno. Organizou o livro **Renato Braga - In Memoriam** (1967). Falando de F. Alves de Andrade como poeta, disse Raimundo Girão, depois de elogiar o prefácio que aquele escrevera para a edição de 1969 de **Jeca Tatu e Mané Xiquexique,** de Ildefonso Albano: "Poeta, os seus versos o revelam, ao lado do pensador, um acessível aos sentimentos mais refinados." Seu poema "Farol do Mucuripe", um dos que aqui figuram, foi composto em 1936, segundo Artur Eduardo Benevides, que o incluiu na sua **Antologia de Poetas Bissextos do Ceará** (1970).*

FAROL DO MUCURIPE

não vês?
é o farol do mucuripe
acendendo e apagando
apagando e acendendo
seu longo olhar tranqüilo
sobre as trevas do mar

no vasto chão de areia
muito ao longe
na vigília das noites estreladas
é o olho de um gigante sonolento
que abre a pálpebra dormindo
e continua a sonhar

bendita a salvação
na luz que envias
às solidões do mar
farol do mucuripe

em mim também
indefinidamente
alguma coisa
assim existe
a viver e a morrer
dentro do sonho
em cada instante

meu coração
meu pobre coração humano
tu és como o farol do mucuripe
acendendo e apagando

apagando e acendendo
uma ilusão que nasce
uma ilusão que morre
sobre as trevas
do mar de nossa vida

CANÇÃO DE TEUS OLHOS

O verde dos teus olhos
semeou de ternura
a estepe cinzenta
de minha vida

o campo reverdeceu
e o sol medrou
nas folhas
dos espaços agrestes
o encanto da seiva

as flores chegaram cedo
para ornar os caminhos

e as lágrimas ocasionais
da efêmera existência
foram tenro orvalho
em teu regaço de flor

nossos olhos brilharam
como a luz das estrelas
e a noite se fez dia

e caminhamos
sobre montes e vales
sem ver o deserto

o verde de teus olhos
susteve a fronde
da árvore da vida

cresceram novos ramos
cobertos de ninhos
pejados de frutos
até aqui chegamos
e desceremos a montanha
enquanto a tarde parece
um canto de saudades

acenderei dentro da noite
o círio da esperança
com o verde dos teus olhos

e bendirei no meu sonho
os berços que embalaste

naves floridas
sairão do porto
em que nos encontramos

levarão por outra sendas
frutos do nosso sangue
a navegar no tempo
contra o relógio da morte
e a vaga do esquecimento

não morreremos
porque de nós
eles nasceram

e guardarão no infinito
nossos sonhos
em novos ritmos

nossos beijos
em outros versos
e em novos mundos

mas ouvirão
entre o marulho da águas
um canto de pássaros
à luz das estrelas

o verde dos teus olhos
é canção de ninar
para os meus olhos tristes
o real da ilusão
para a minha alegria

TAÇA PARTIDA

sou o cristal vazio
de uma taça partida
na exaltação febril
do meu desejo

ai
não levarei a teus lábios
o vinho espumante
dos meus beijos

meus braços
são duas chamas
que te procuram
na solidão

teu vulto esquivo
foge do meu caminho
e as labaredas ardentes
só enlaçam sombras
as sombras
do meu destino

eu vi
os teus seios ebúrneos
túmidos de volúpia
na penumbra da noite

e eu te ofertei
as rosas vermelhas
que rebentaram em mim

elas banharam-se
no orvalho
de tuas lágrimas
guardam o perfume
de tua carne

e têm o rubor
do teu sangue

não queres levar
as rosas vermelhas?

elas murcharão
de abondono
sobre a mesa

e depois
que restará a nós dois
do banquete de amor
de nossas vidas?

rosas murchas
vinho derramado
e uma taça
partida

ai sombras do teu corpo
ai sonhos do meu peito

sou o cristal vazio
de uma taça partida
mas sempre a rebrilhar
mandando-te
pelo infinito azul
uma saudade refletida
na luz branca
na luz misteriosa
na luz espiritualizada
das estrelas

NO MEU CAMINHO

venho de longes terras
de passagens remotas
e tenho nos olhos
a gota de lágrima
e a saudade
dos rincões perdidos

venho de desejos
misteriosos
incontidos
de sonhos diversos
que se entranharam
nos sangues desconhecidos

trago nos meus braços
o ímpeto dos espaços
a febre das montanhas
a ânsia de mudar
este mundo bárbaro
tenho um roteiro
incompreendido

sou um visionário
beijo o sol das alvoradas
que ainda não surgiram
e em templos imaginários
queimo incenso
aos deuses da utopia

creio na liberdade onipotente
na onisciência da filosofia
e dos valores eternos
em holocausto
recolho o meu tesouro
mirra e absinto
para os meus dias

visionário
e lírico

viva a ilusão
morra o pragmatismo
quero guitarras
e violões
flautas
harpas
e cítaras

cante em mim
um mundo de serenatas
nesta noite fria
contra os ruídos insensatos
e as rodas trágicas
das máquinas
erga-se o império harmônico
das músicas

eu quero o amor
à sombra de árvores
escondidas
à margem de regatos
serpentes
no peito da montanha
por entre as pedras
pacíficas

quero o amor
no marulho das águas
correntes

no canto de pássaros
libertos
"flores silvestres
nos meus sentidos"

quero o amor em ti
com os sonhos diversos

que se entranharam
nos sangues
desconhecidos

trago a teus braços
o ímpeto dos espaços
a febre das montanhas
a ânsia de mudar
este mundo bárbaro
o meu roteiro
incompreendido

De *mensagens em minúsculas e Saga dos Sertões de Mombaça* (1987).